

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A PERSONAGEM SUPRIANO, NO CONTO 'A ENXADA' DE BERNARDO ÉLIS – UMA PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA

THE CHARACTER SUPRIANO, IN THE SHORT STORY 'A ENXADA' BY BERNARDO ÉLIS - A LITERARY READING PROPOSAL

Ana Lúcia Silva Sousa Santana¹
Nismária Alves David²

Resumo: O presente artigo trata-se de uma reflexão sobre o Letramento Literário na Educação de Jovens e Adultos - EJA, a partir da personagem Supriano, do conto “A enxada”, do escritor Bernardo Élis. A pesquisa é de cunho qualitativo e de natureza bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos, além de material disponibilizado na internet. O presente estudo é constituído sob os pressupostos dos seguintes teóricos: Antônio Cândido (1972, 1989, 2000, 2006); Paulo Freire (1989, 1996, 2005) e Rildo Cosson (2021a, 2021b). Foram pesquisados artigos, revistas e publicações de cunho acadêmico em temas relacionados ao assunto.

Palavras-chave: Personagem. Letramento Literário. Educação de Jovens e Adultos. Bernardo Élis.

Abstract: This article is a reflection on Literary Literacy in Youth and Adult Education - EJA, based on the character Supriano, from the short story “A enxada”, by writer Bernardo Élis. The research is qualitative and bibliographic in nature, drawn up from already published material, consisting mainly of books, periodical articles, as well as material available on the internet. The present study is based on the assumptions of the following theorists: Antônio Cândido (1972, 1989, 2000, 2006); Paulo Freire (1989, 1996, 2005) and Rildo Cosson (2021a, 2021b). Articles, magazines and academic publications on topics related to the subject were researched.

Keywords: Character. Literary Literacy. Youth and Adult Education. Bernardo Elis.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, professora da rede estadual de educação.

² Professora Doutora, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

1 Introdução

O número de ações em torno da leitura dentro e fora da escola, promovidas por outros organizações da sociedade civil, voltadas para o desenvolvimento e incentivo da leitura nos leva a afirmar que esta deixou de ser apenas uma preocupação da escola e tornou-se uma preocupação da sociedade, tornando-se um valor universal, um bem social.

É importante saber ler para poder participar da sociedade, para ser cidadão. Nesse sentido, Freire (1989) propõe que as práticas leitoras se constituam práticas sociais. Vivemos em uma sociedade grafocêntrica que, de acordo com o dicionário da Língua Portuguesa Priberam Online, é uma sociedade que “está centrada na imagem gráfica ou escrita e tende a privilegiar a imagem ou a escrita em detrimento do som”. Desse modo, a base das sociedades grafocêntricas está na escrita e, embora na era digital grande parte de nossa comunicação ocorra através da imagem e do som, o alicerce dessa comunicação está na escrita. Saber ler é, portanto, essencial para transitar na sociedade.

Sendo a leitura tão importante, se tantas organizações e setores da sociedade civil concordam e reconhecem a importância da leitura em uma sociedade, a pergunta que fazemos a nós mesmos é por que então é tão difícil formar leitores? Por que a formação de leitores parece estar ficando cada dia mais complexa e mais difícil? Por que, sobretudo para nós professores, é tão difícil formar leitores? Deveria ser fácil formá-los.

Existe uma unanimidade em favor da necessidade da leitura, porém deveríamos ter espaços que propiciassem a leitura, professores com carga horária destinada a tempo de leitura, bem remunerados, com incentivo para compra e leitura livros. Já que somos uma sociedade grafocêntrica, deveríamos ter a leitura como uma ação cotidiana de todas as pessoas, porém não é isso que acontece. Também não temos as repostas para todas essas perguntas.

Pretendemos neste trabalho propor uma reflexão sobre o que acreditamos ser fator importante para essas questões, ou seja, a leitura literária. Isso por esta ser vista como um modelo de leitura, e devido ao fato de o leitor de obras literárias ser visto como um leitor

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

criativo, maduro, completo, dentre tantos adjetivos dados ao leitor de textos literários. No entanto, esse tipo de leitura tanto é utilizado nos momentos de formação como nos momentos de entretenimento.

Estudar sobre letramento literário na educação de jovens e adultos pressupõe conhecimento prévio dos aspectos sócio-históricos e econômico-culturais que envolvem essa modalidade de ensino e os sujeitos que dela participam; pressupõe refletir sobre como ou em que medida o ensino de Literatura pode contribuir com a formação de alunos-leitores nessa modalidade de ensino; e ainda pressupõe formação para nela atuar, além de uma proposta de trabalho adequada a abordagem texto literário em sala de aula.

Verifica-se assim, a rica contribuição da leitura literária para a as práticas de letramento e formação de leitores; propomos aqui a leitura do texto literário em sala de aula para o alunado EJA, a partir da personagem Supriano, do conto “A enxada”, de Bernardo Élis. Tal escolha se deve a um provável fator de aproximação desses alunos com o contexto social representado na obra desse autor.

2 Fundamentação teórica

2.1 Leitura, Leitura Literária e Educação de Jovens e Adultos

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 57) “a leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal”. Já foi atestada por diversos estudiosos a importância da leitura para o desenvolvimento cognitivo e social dos seres humanos.

Pensamento predominante no campo da pesquisa concebe a leitura como um processo interativo em que o conhecimento prévio do leitor sobre o mundo interage com as informações transmitidas diretamente pelo texto. Assertiva que culmina com o pensamento de Freire:

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

[...] a leitura da palavra é sempre precedida da palavra mundo, e aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica das palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (FREIRE, 2011, p 14).

Ainda sobre a leitura mobilizar diferentes tipos de conhecimentos prévios, Peixoto e Araujo (2020) concordam que a compreensão do texto por parte de quem o lê ocorre quando existe uma certa relação entre o leitor e o texto, sendo que o leitor interage através dos seus conhecimentos prévios. Nessa direção, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) ressalta que em situações de aprendizagem é necessário levar em consideração o lugar social ocupado pelos alunos e a imagem que pretendem transmitir de si mesmos:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-dixiscursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semiose (BRASIL, 2018, p. 69.)

Embora conteudista, o texto da BNCC apresenta contribuições importantes quanto à formulação de propostas curriculares que valorizam a cultura como dimensão da vida em práticas, práticas de leitura. Entendemos ser o texto literário um instrumento facilitador de tais atividades leitoras.

A leitura literária, de acordo com Rildo Cosson, em palestra transmitida no Youtube:

[...] é a leitura vertical, aquela leitura que assume um caráter formativo, é a leitura estética ou crítica ou qualquer outro termo que se queira usar para indicar a especificidade do ato de ler que é diferente da leitura que se lê para extrair informação. A leitura literária é aquela que você lê para viver, para experimentar o que está no texto. A leitura literária requer do leitor um modo específico de ler (preciso aprender a ler de uma determinada maneira, que é a maneira literária) e uma postura frente ao texto literário (atentar para determinados elementos que estão naquele texto e que por isso o fazem literário). Posturas centradas em elementos dos textos e outro no ato de ler em si mesmo (COSSON, 2021).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Entendemos ser bastante significativo promover práticas leitoras com o texto literária na educação de jovens e adultos. O público desta modalidade de ensino é constituído de pessoas que não puderam concluir a seriação da educação básica de acordo com a idade série, por fatores dos mais diversos, sendo um dos mais pontuados mediante pesquisas, a necessidade de trabalhar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº. 9.394/96, em seu artigo 37, assegura que “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade apropriada” (BRASIL, 1996, p. 28).

Acordamos que embora seja uma modalidade de ensino da Educação Básica, em suas etapas fundamental e Médio, a EJA é vista como uma política “compensatória”, que apresenta uma trajetória de desafios e conquistas e, de certa forma, uma alternativa para minimizar o problema da exclusão social no Brasil, reforçando o compromisso com a formação humana. Além do empenho para formar seres humanos, a Educação de Jovens e Adultos tem como objetivos proporcionar o acesso à cultura geral, de modo que os discentes aprimorem sua consciência crítica e adotem atitudes éticas e compromisso político para o desenvolvimento da sua autonomia intelectual.

Observa-se, no entanto, que não é muito comum entre os estudiosos a discussão sobre o processo de ensino-aprendizagem de textos literários na EJA. A preocupação maior é identificar como tal processo ocorre por meio da aquisição da leitura, mas não se detêm ao texto literário e suas implicações no sujeito leitor, tampouco relacionam o ensino de literatura a essa modalidade de ensino. Não existe uma formação específica para o professor, enquanto a Matriz Curricular para a EJA propõe que “eventualmente sejam trabalhados letras de canções, poemas, trechos de romance e contos” (BRASIL, 2020, p. 15).

Nesse sentido, cientes da importância da literatura na formação do indivíduo e no seu desenvolvimento, como bem já afirmou Antonio Candido (2004), e da necessidade de uma formação humana, preconizada por Freire (2005) e por ambos, vemos no texto literário uma

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ferramenta importante para a constituição do leitor, desde que não seja apenas para o acesso ao mundo da escrita.

2.2 Linguagem Literária e a Função Formadora

Candido (1972) ressalta que embora a literatura não possua a finalidade de formar conforme a escola, acaba atuando como instrumento de formação do homem, que possui função formadora, conforme constatamos no trecho:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial”. [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente àquilo que as convenções desejariam banir (CANDIDO, 1972, p. 84).

Isso é possível devido a re(criação) de universos ficcionais baseados na realidade da qual o autor participa. Na linguagem literária, as palavras, além do seu sentido chamado “literal” adquirem ambiguidade, o sentido “figurado”. Com novas significações e representações, a linguagem passa a ter “sabor”. Barthes assegura que “a literatura é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma verdadeira heteronímia das coisas” (BARTHES, 1978, p. 16).

Compreendemos que a literatura atua como aparato à educação e desenvolvimento do homem e o faz quando transpõe fatos reais e ilusórios, por meio da estilização da linguagem. A esse respeito, o autor afirma: “a arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório. Por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos.” (CANDIDO, 1972, p. 53). Assim, a linguagem literária vai atuando na formação humana.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Para Freire (2005), o ser humano é inacabado e está em constante processo de humanização. Ao reconhecer a oposição histórica em humanização e desumanização, o autor indica como caminho para uma educação libertadora a passagem de uma consciência ingênua a uma consciência crítica, que torne os educandos protagonistas do processo educativo e de sua própria história. De acordo com ele:

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inclusão dos homens e na consciência que dela tem (FREIRE, 2005, p. 83-84).

A leitura de textos literários fornece ao aluno conhecimentos específicos e uma empatia que poderá levá-lo a questionar o mundo e desejar mudanças das condições as quais o ser humano muitas vezes é submetido. Dessa forma, a Literatura contribui para a formação dos sujeitos. Uma leitura reflexiva e crítica poderá produzir confronto, libertando o leitor de sua postura de acomodação e instaurando-lhe uma nova visão dos fatos e da realidade que o cerca.

A literatura é indispensável e faz parte da vida das pessoas, de modo que todos já leram, ouviram, cantaram ou visualizaram algo de literário reproduzido em situações do cotidiano. A esse respeito, Candido afirma que “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (2004, p. 76), ele também a aponta como mecanismo indispensável de humanização, e, a propõe como um direito,

Uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo. Ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2004, p. 186).

A prática da leitura é vista como meio de existência pessoal e humana ímpar ao desenvolvimento humano, e uma experiência exitosa de ensino de leitura.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

2.3 O Gênero Conto em Sala de Aula da EJA

A leitura do gênero conto nas aulas de língua portuguesa da EJA – cuja estrutura clássica prima pela criação da “unidade de efeito” no leitor, tal como Edgar Allan Poe (2011) trata em “Filosofia da composição” – é relevante devido à sua concisão, ou seja, pela perspectiva condensada do enredo, pela popularidade e pela aproximação de temáticas abordadas em situações do cotidiano, bem como de práticas sociais nas quais o discente está inserido. De forma semelhante, Júlio Cortázar entende que:

O conto é uma narrativa mais curta que tem como característica central a esfericidade - condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. Condensação essa que não evita que o conto apresente complexidade, pois a forma breve do conto advém de um motivo interno à sua construção. O contista deve concentrar efeitos para ocasionar um determinado impacto no leitor. E para que isso seja possível, o autor deve ser bastante objetivo, omitindo o que não for essencial para esse impacto (CORTÁZAR, 1993, p. 08).

A professora Cleusa Passos Pinheiro também entende que no conto ocorre “a transformação de episódio comum em algo que o ultrapasse, com ruptura de limites, a fim de obter aspectos surpreendentemente significativos da condição humana ou da ordem social, histórica e cultural” (PINHEIRO, 2001, p. 71). Características como condensação, complexidade, sobretudo o impacto e apelo humanizador encontram-se presentes em toda obra do autor Bernardo Élis, especificamente no conto “A enxada”, expressas através da personagem Supiano.

O conto que nos apresenta a personagem deste estudo consta do caderno de contos “Veranico de janeiro”, de 1966, caderno contemplado com o prêmio Jabuti e com o qual Bernardo Élis é aclamado pela expresividade de sua prosa regionalista.

Entendemos que a estrutura concisa e as temáticas da contística bernadina, aliada à proposta de sequência básica para aulas de Literatura, de Rildo Cosson, em “Letramento

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

literário”, possibilita ao professor da EJA a efetivação da prática de leitura literária, devido ao curto período de dias letivos dessa modalidade de ensino.

A partir do modernismo Brasileiro, ganha força um fazer prosa gerada em meio às interferências militares, à anistia política, ao coronelismo, à exploração do homem do campo, que dá voz às personagens dos romances, contos dos mais diversos autores brasileiros. Obras como “A bagaceira”, de José Américo de Almeida e “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, convergem em suas linhas os movimentos sociais, as condições de trabalho, os desastres da natureza. Após contato com a obra de José Américo de Almeida, Bernardo Élis justifica a motivação para sua escrita ao relatar em entrevista que notou as más condições de vida dos roceiros quando vinham comprar na cidade; observou que eram muito pobres, miseráveis e doentes e que comunicação com o campo era muito difícil (ÉLIS, 1982).

A prosa bernardiana traz à baila os rincões mineiro e goiano; suas personagens apresentam um linguajar muito específico e característico do sertão goiano e mineiro. Bernardo Élis deixou uma vasta contribuição para a literatura brasileira e, embora seja classificado pela crítica especializada como regionalista, Lima enfatiza que:

Bernardo não se detém ao simples regional, não se prende a formas específicas. Com arte, evidencia o realismo social-telúrico. De sua obra emerge o homem vivendo uma precária condição de vida, seguindo seus caminhos e descaminhos, colocados à margem, renegados pela sociedade e com sede de justiça. O escritor se propõe a desvendar os dois mundos deste homem: o interior, o da alma e o social - o do direito do ser humano (LIMA, 2020, p. 02).

O conto em questão apresenta a temática regional ao desenhar o espaço sertanejo, superstições, traços da oralidade, festas religiosas e a exemplo de outras narrativas apresenta violência, exploração dos trabalhadores em geral e dos sertanejos, em particular. Bernardo Élis transporta essa e outras tristes realidades para a ficção literária com muita precisão e o faz por intermédio da personagem Supriano.

2.4 A Personagem Supriano no Conto “A Enxada

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Vicente Jouve atribui a compreensão do papel das emoções no ato da leitura à personagem; para ele, “prender-se a uma personagem é interessar-se pelo que lhe acontece, isto é, pela narrativa que a coloca em cena” (JOUVE, 2002, p. 20). Supriano é a personagem que intriga o leitor, que o faz sofrer, chatear-se, revoltar-se, desejar e lutar por justiça, tamanha as características de realidades impressas em suas atitudes e comportamentos.

No conto “A Enxada”, o ficcionista aposta em uma linguagem coloquial, um narrador onisciente e crítico, materializado no texto através dos discursos indireto e indireto livre. Resumidamente, o enredo apresenta as relações de poder. Supriano, o protagonista é mandado, e por sua vez teme os que possuem maior condição financeira, sente medo e vergonha. Ele não consegue uma enxada emprestada com Joaquim porque este não se submete a Elpídio, para quem teria que trabalhar, que não se submete às ordens de ninguém naquela localidade. Piano não consegue a enxada com o ferreiro da cidade ou tampouco com o padre, imune por exercer poder religioso na cidade, o que termina em nenhum deles ajudando Supriano.

Na narrativa em estudo, o capitão Elpídio exige que Supriano plante uma roça de arroz até o dia de Santa Luzia, ou ele seria castigado. Porém, não lhe fornece o instrumento de trabalho, a enxada. Vemos, assim, que no quadro humano, das personagens, e em específico de Supriano e sua família, o ficcionista transpõe uma realidade assustadora, uma vez que estão submetidos à eliminação das oportunidades, até mesmo a de continuarem existindo, por não possuírem o básico à sobrevivência.

A supressão dos direitos de Supriano é legitimada em função do poder simbólico efetivo do coronelismo goiano que detinha o mando sobre a vida das pessoas endividadas, sem bens, sem dinheiro e sem propriedades. Esse contexto era comum no Brasil entre fins do século XIX e os anos 1930. Todavia, esta prática não foi de todo abolida, visto que ainda hoje há denúncias de abuso de poder e de apropriação indevida da terra, de exploração do trabalhador do campo e das fábricas, noticiadas através da imprensa e das mídias em geral.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Antonio Candido, no ensaio “A personagem do romance” – que entendemos aplicar-se também para o gênero conto - ressalta que as personagens sempre são invenções, mesmo quando estas são baseadas em pessoas reais, é da imaginação do autor, criar essas personagens para dar voz à narrativa. A personagem que enreda a trama da narrativa “A enxada” é Supriano, conforme constata-se nos excertos: “Piano aprendeu tanto preceito”, “ninguém podia tirar sua razão”, “Supriano era feio, sujo, maltrapilho, mas delicado e prestimoso como ele só.” (ÉLIS, 2003, p. 73), cheio de ausências, porém, cumpridor de seus compromissos, características transpostas do homem sertanejo para as páginas da ficção.

Supriano é submetido às atrocidades regularizadas sob o viés do coronelismo, da impiedade dos vínculos de trabalho, presentes nas ações violentas do poder absoluto e arbitrário no campo, que geralmente se efetua em formas de “dívidas infundáveis” que o trabalhador contrai por viver na propriedade do patrão e de lá tirar o seu sustento; a dívida é uma forma eufemizada de escravidão a que a personagem se submete.

Parte da problemática da trama centra-se no campo do trabalho. O protagonista dispõe das condições mais desumanas e insalubres de sobrevivência. Apresenta-se desprovido de qualquer espécie de posses, enquanto a esposa está entevada e seu único filho tem problemas mentais; ambos precisam dele e ele não pode ajudar. O enredo se desenrola enquanto o protagonista está em busca da enxada:

Estava em jejum desde o dia anterior. Porém, mentiu, que havia almoçado. Com o cheiro do de comer seu estômago roncava e ele saliva pelos cantos da casa, mas não aceitou a boia. É que Piano carecia de uma enxada e queria que seu Joaquim lhe emprestasse. Na sua lógica, achava que se aceitasse a comida, seu Joaquim julgava bem pago o serviço da arrumação do capado e não ia emprestar-lhe a enxada. Não aceitando o almoço, o sitiante naturalmente ficaria sem jeito de lhe negar o empréstimo da ferramenta.

Depois do almoço (o café, ele não dispensou) desembuchou: - Seu Joaquim num vê que eu estou lá, com a roça no pique de planta e não tem chá da? Será que mecê tem alguma aí pra me emprestar? (ÉLIS, 2003, p. 74)

O personagem vive intensamente os eventos da narrativa em busca do empréstimo da enxada. Esse quadro de não possuir nem mesmo a sua ferramenta de trabalho o deixa ainda

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

mais fragilizado, mais exposto, episódio que nos remete a Candido sobre a lógica da personagem:

no romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No entanto, podemos variar relativamente à nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser (CANDIDO *et al.*, 1972, p. 45)

Assim, a personagem vive o enredo e as ideias propostas pelo ficcionista, a enxada é o objeto sempre nomeado, procurado, buscado, mas nunca aparece e nisso vai se apresentando um enlace de servilismo e esperança. Residiria aí a ideia de negativa do trabalho, de um lado, e por outro a de esperança de que a realidade humana pudesse ser transformada, através do trabalho.

Piano, em uma busca desesperada, tenta de diversas maneiras adquirir o instrumento de trabalho, recorre a estranhos, mas não consegue. Na corrida contra o tempo, e na falta da enxada, faz de um graveto a sua enxada e se sacrifica para plantar a roça de arroz conforme o combinado. O dia de Santa Luzia chega, ouve-se o barulho dos preparativos para a festa,

A cidade inteira retinia com o retintim das enxadas, limpando o mato dos quintais das casas, que permanecem fechadas durante o ano [...] “Na porta da igreja os mordomos, cumpriram suas tarefas, as fogueiras do Divino de São Benedito e Santa Efigênia iam se erguendo. A do Divino naturalmente, que era a mais alta e larga das três (ELIS, 2003, p. 96).

Dessa forma, inicia-se a festa, que mais parece uma feira de negócios. Tempos depois surgem duas criaturas que causam estranheza e espanto ao pedir esmolas, os romeiros e os devotos dos santos, com altares erguidos são indiferentes à presença dos pedintes, e as crianças querem apredrejá-los, por lhes parecerem grotescos: trata-se da família de Supriano, e sua ausência sinaliza que ele não conseguiu cumprir o trato feito, tendo sido a sua vida ceifada.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Segundo Candido (1986), a representação do homem em uma narrativa pode configurar uma tentativa de compreendê-lo. A caracterização das personagens é construída pela visão que o autor e as outras personagens têm dela e a transmite para o leitor durante a sua leitura. Assim, a combinação de cenas e situações vividas pelo protagonista expõe ao leitor um “mal-estar no mundo”, originado pelo uso excessivo da força por parte de quem possui recursos financeiros e sociais sobre o pobre e indefeso, que não possui sequer a ferramenta de trabalho.

Ao propormos o estudo da personagem Supriano, bem como o conto “A Enxada” com EJA, é a de apresentar, através do texto literário, as relações de poder, instituídas na sociedade, ainda permeada pela dominação dos mais fortes – patrões, proprietários, políticos, a polícia que deveria proteger, os poderes instituídos pelo povo e para o povo - sobre os mais fracos; a degradação moral da sociedade; o comércio em torno da fé. Supriano transita entre os espaços rural e urbano e essas relações são perceptíveis na leitura da narrativa.

A proposta de desenvolver a sequência básica para o Letramento literário, preconizado por Cosson, permite sensibilizar o alunado em questão para o lado obscuro da sociedade, para a discrepância nas relações de trabalho, para o estado de marginalização e a falta de políticas públicas voltadas para o homem do campo, situação possivelmente vivenciada por alguns alunos. Não é difícil encontrar, dentre o alunado, trabalhadores e trabalhadoras em situações de exploração da força do trabalho em condições desumanas, no campo ou na cidade.

3 Considerações finais

A narrativa bernardiana, ao emprestar protagonismo à personagem Supriano, imprime características do real, a ponto da personagem despertar no leitor empatia por meio da autoidentificação, deixando um conjunto de situações vividas pela personagem, evidenciadas para o leitor, por meio da exteriorização dos espaços transitados por Piano, o que também causa uma comoção devido à força com que são narrados o comportamento e as atitudes da personagem mediante as situações de violência, perseguição e exploração.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Adotar a leitura do texto literário em sala de aula da educação de jovens e adultos é promover situações enriquecedoras à visão crítica do aluno. Enfatizamos assim, a necessidade de haver oferta do ensino de literatura que estimule o desenvolvimento da leitura, propiciando as práticas sociais, isto é, que promovam a compreensão das especificidades da sociedade sobre os meios de convivência e reduza discriminações.

Referências

AMADO, Janaina. Região, sertão, nação. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8. n. 15. 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990/1129> Acesso em 30 novembro de 2022.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação. Brasília, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em 20 de janeiro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Alinhamento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) às diretrizes apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade**. Brasília, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2020-pdf/166421-texto-referencia-dcn-s-eja-1/file> Acesso em 18 de janeiro de 2023.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emilio Sales. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, p. 140-162.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos.** 9ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v. 1 e v. 2.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos.** 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** 9ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio** (Davi Arriguci Jr., & João Alexandre Barbosa, Trad.) (2a ed.). São Paulo: Perspectiva, 1993.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores. In: **Valise de Cronópio.** Trad. Davi Arriguci Jr., & João Alexandre Barbosa, Trad.) (2a ed.). São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. **Com quais leituras se forma um leitor literário?** Palestra do Grupo de Pesquisa Literatura: Estudo, Ensino, e (Re)leitura de mundo, transmitida no Youtube em 1 de dezembro de 2021. Mediação: Profª. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=74LsgSlhNjU&t=2667s&ab_channel=GPLEER Acesso em 19 de janeiro de 2023.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura.** 1ª edição, 1ª reimpressão, São Paulo: Editora Contexto, 2021.

ÉLIS, Bernardo. **A vida são as sobras.** Depoimento concedido a Giovani Ricciardi, Prof. Do Istituto di Lingua e Letteratura Spagnola e Portoghese da Facoltà di Lingue e Letterature Straniere. Bari, Itália, 1982. Disponível em:

ÉLIS, Bernardo. **Biblioteca Clássica Goiana - Século XX.** Veranico de Janeiro: ICBC, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23 ed. São Paulo: Autores associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4)- 80 páginas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura). Saberes necessários à prática educativa.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 2011.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Tradução de Fernando Cabral. Lisboa: Vega, 1995.

GRAFOCÊNTRICA. In: **Priberam**, Dicionário Online da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/> Acesso em 20 de janeiro de 2023.

JOUBE, Vincent. **A Leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. Transfiguração, Injustiça e Silêncio em Bernardo Élis. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**. V. 9, n. 4, p. 1-33, 2020. Seção Especial Bernardo Élis. ISSN 2238-3565.

PINHEIRO, Cleusa Passos. **Letramento Literário na Escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”**. 2006. 306 f. (Tese de doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

POE, Edgar Allan. **Filosofia da Composição**. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Editora 7 Letras, 2011.